

APRESENTAÇÃO

O Novo Testamento é o Antigo escondido; o Antigo Testamento é o Novo revelado. — Agostinho

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar (1Pe 1.10-12).

É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram. Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras (Lc 24.22-27).

Os profetas buscaram. Anjos ansiaram ver. E os discípulos não entenderam. Mas Moisés, os profetas, e toda a Escritura do Antigo Testamento falaram a esse respeito — que o Messias viria, sofreria, e seria, então, glorificado. Deus começou a contar uma história, no Antigo

Testamento, cujo final os ouvintes ansiosamente esperavam. Mas esses ouvintes ficaram aguardando. A trama foi exposta, mas o clímax, deferido. A história inacabada carecia de um final. Em Cristo, Deus proveu esse clímax à história do Antigo Testamento. Jesus não chegou sem ser anunciado; a sua vinda foi *antecipadamente* declarada no Antigo Testamento — não apenas nas profecias explícitas sobre o Messias, mas também por meio das histórias de todos os acontecimentos, personagens e circunstâncias do Antigo Testamento. Deus contava uma história maior, sobrepujante, unificada. Do relato da criação, em Gênesis, até as histórias finais do retorno do exílio, ele progressivamente desfraldou o seu plano de salvação. O relato desse plano no Antigo Testamento, de alguma forma, sempre apontou para Cristo.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas trabalham com empenho para fazer com que um livro venha à luz. Queremos começar agradecendo a todos na casa publicadora P&R Publishing, em especial Marvin Padgett e Aaron Gottier, pelo encorajamento, profissionalismo e compromisso com a excelência ao supervisionar a produção deste livro. Eu (Iain) reconheço dívida de gratidão à minha esposa, Barb. Obrigado por tudo que você me ensinou sobre o pecado (mormente meu), graça, arrependimento e amor pelo evangelho. Ao ler cada sermão e comentar ao longo do caminho, você tem contribuído grandemente à aplicabilidade e utilidade dessas mensagens e evitado que eu expresse muitas das ideias insensíveis e impensadas que sou propenso a emitir. Obrigado também a nossos filhos (Wayne, Jamie, Sam, Hannah, Rob e Rosie). À medida que vocês começam a sair de casa e frequentar outras igrejas, os bancos da primeira fileira parecem cada vez mais vazios sem vocês. Sou muito feliz por cada um de vocês fazer parte da aventura de Grove City junto conosco.

Quero agradecer também a entusiasmada congregação da Christ Presbyterian Church. É sempre um deleite abrir a Palavra de Deus para vocês, sabendo que estão interessados e com fome do evangelho. O que mais qualquer pastor poderia desejar? Bem, ajuda no ministério, para começar. Sendo assim, do fundo do coração, agradeço a Matt por responder ao chamado de Deus para vir a Grove City trazendo organização, visão, maturidade e um coração de servo ao plantio de nossa igreja. Como resposta a nossas fervorosas orações, você e Rebecca são verdadeiramente muito mais do que podíamos ter imaginado.

Eu (Matt) quero agradecer minha linda esposa, Rebecca. Obrigado por seu constante amor e companheirismo, por sua paciência com meu pecado e por seu encorajamento em todos os meus esforços. *C'est à cause de*

toi... A meus filhos, Anastasia e Ransom, obrigado por seus sorrisos, risadas, abraços e empolgação ao explorar o mundo de Deus. Todo dia vocês me lembram de que todos nós — mesmo, e especialmente, o papai — precisamos dizer “sinto muito”, e que Jesus nos ama muito.

Tendo dívida para com muitos outros, desejo expressar profundo apreço por nossas duas famílias mais recentes de igreja. À Hope Presbyterian Church, obrigado por receber nossa família durante nossos anos de escola de pós-graduação e por me dar a oportunidade de servi-los, primeiro como estagiário e depois como pastor auxiliar. Gratidão especial a David Rowe e ao conselho pela valiosa experiência no ministério, como também sua prontidão em nos preparar para qualquer ministério futuro que Deus proveesse.

Igualmente, minha profunda gratidão à Christ Presbyterian Church por sua calorosa receptividade em Grove City. Seu profundo amor a Deus e ao seu evangelho é deleite constante. Jamais imaginamos que nos sentiríamos em casa com uma nova família da igreja em tão pouco tempo. Quero agradecer em especial a Iain e Barb por suas entusiasmadas boas-vindas e seu convite para lutar juntos na proclamação da obra reconciliadora de Deus pela vida, morte, e ressurreição do nosso Senhor Jesus.

Iain Duguid
Matt Harmon

1

ESPERANÇA PARA FAMÍLIAS DISFUNCIONAIS

(Gênesis 37.1–11)

Parece que algumas cidades receberam nomes errados. Minha esposa foi criada em Mount Morris, Michigan — elevação: uns “imensos” 236 metros. As pessoas usavam camisetas que proclamavam com orgulho: “Escalei o Monte Morris”. Provavelmente não é o único lugar na América do Norte com nome errado. Tome, por exemplo, Filadélfia. É uma grande cidade, famosa por causa do lar do Sino da Liberdade e do Salão da Independência. Seu nome significa “amor fraterno.” No entanto, alguns de seus fãs esportivos parecem não ter entendido a mensagem. Onde mais vaiariam e atirariam bolas de neve no papai Noel, como foi certa vez em um jogo do time de futebol Eagles? Parece que ali não havia muito amor fraterno.

UMA COMUNIDADE DE NAÇÕES

Gênesis 37 também não é um relato sobre amor fraterno, mas sobre ódio entre irmãos. O tema “irmão” ocorre nada menos que vinte e uma vezes neste capítulo e, no entanto, é uma história sobre irmãos que não conseguiam manter um bom relacionamento. Na verdade, os irmãos não se dão bem em nenhum lugar em Gênesis. O tema de irmão contra irmão começou com Caim e Abel e continuou por todas as gerações com Isaque e Ismael, seguido por Jacó e Esaú. Claramente, Deus não escolheu a família de Abraão porque seus membros seriam melhores representantes dos valores familiares tradicionais do que seus vizinhos pagãos — a não ser que contemos o favoritismo e a inveja assassina como

sendo os valores tradicionais dessa família. O mesmo modelo continua ao adentrarmos a história da próxima geração, em Gênesis 37. Na introdução de um relato, geralmente esperamos encontrar as personagens principais e a apresentação dos conflitos da trama que formarão o corpo da história. A introdução de Gênesis não é exceção: encontramos aqui as personagens principais — José, seus irmãos, e seu pai Jacó — e a principal complicação da trama: o fato de que os irmãos de José o odeiam.

Observe como essa hostilidade imediatamente reajusta o nosso modo de pensar sobre esta história, que tendemos a presumir que se trata de José e sua túnica colorida. Claro que ele é central ao que segue, mesmo se sua capa especial for apenas um detalhe incidental. Mas esta não é simplesmente a história de José. É, na verdade, a história de José e seus irmãos, o que faz perfeito sentido se pensarmos nos ouvintes originais a quem Moisés escrevia quando estavam no deserto. José e seus irmãos eram patriarcas fundadores da nação de Israel, um grupo de indivíduos pecadores imperfeitos, profundamente defeituosos que Deus escolheu para fazer uma nação de sua propriedade. Também, a história narrada em Gênesis 37–50 não é somente sobre José e seus irmãos; é uma peça-chave da história do grande plano de Deus para Israel e o que ele está fazendo nas vidas de seu povo como uma totalidade.

Mais cedo no livro de Gênesis, o Senhor afirmara que de Jacó viria uma comunidade de nações (Gn 35.11; cf. 28.3). Significativamente, a palavra hebraica aqui usada é *qahal*, que quer dizer literalmente “congregação” ou, até mesmo, “igreja,” já que a tradução grega do Antigo Testamento com mais frequência verte como *ekklesia*.¹ Em contraste com as gerações anteriores – em que Deus soberanamente escolheu um membro da família, em vez de outra, para portar a linha da promessa (elegendo Isaque sobre Ismael, e Jacó sobre Esaú) – dessa vez, Deus prometeu que escolheria os doze filhos de Jacó e os tornaria em uma comunidade harmônica de adoradores, a nação de Israel. Na verdade, os leitores originais da história, os israelitas do tempo de Moisés, eram o cumprimento dessa promessa. Moisés queria que olhassem para trás e se lembrassem de que houve um período em que a promessa de criar um povo de adoradores harmoniosamente unido parecia tão impossível quanto o cumprimento de sua promessa anterior, de dar um filho a um casal idoso e estéril. Contudo, contra todas as probabilidades dos esquemas de homens pecadores, incluindo aqueles a quem escolhera, Deus realizaria seu alvo de fazer uma unida comunidade de adoradores.

O propósito último de Deus não era apenas criar e escolher o Israel dos dias de Moisés para ser uma comunidade de adoradores. O seu propósito era criar para si um Israel renovado e restaurado, formado de descendentes espirituais de Abraão. Seriam membros de uma família de adoradores, unidos em Cristo – isto, indo além dos descendentes físicos de Israel e englobando gente de toda nação e tribo da face da terra.

JOSÉ

Primeiro exploraremos o que Deus estava fazendo com essa família disfuncional em particular, a começar pelo membro obviamente menos confuso, José. Podemos presumir facilmente que, por ser o herói da história, ele deveria ser perfeito em tudo o que fazia. Não era assim. A primeira aparição de um personagem bíblico no palco de uma narrativa sempre é importante, e José não é exceção.

Encontramo-lo aos dezessete anos de idade, sendo mandado aos campos a fim ajudar os irmãos no cuidado das ovelhas. O texto diz que ele “acompanhava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e trazia más notícias deles a seu pai.” (Gn 37.2), o que, na realidade, é tanto uma descrição do seu trabalho quanto faz referência à sua idade. Era enviado para junto dos irmãos a fim de executar as tarefas serviços comuns e não importantes. Outras personagens bíblicas também passaram tempo como pastores, é claro, notavelmente Moisés e Davi. Mas, em vez de receber revelações de Deus enquanto era pastor, como foi com Moisés, ou proteger seu rebanho do leão e do urso, como Davi, o que é que José fazia? Levava “más notícias” sobre seus irmãos para a casa do seu pai (Gn 37.2).

Em nossa língua uma “má notícia” pode ser verdadeira ou falsa. Porém, no hebraico, esta frase específica tem a conotação de um relato falso ou maldoso.² Os espias trouxeram a mesma espécie de “relato falso” ao povo de Israel, vindos da terra de Canaã, dizendo que não valia a pena lutar por ela (“infamaram a terra que haviam espiado – Nm 13.32). Em Provérbios 10.18, a palavra é traduzida como “difama.” José não gostava de seus irmãos, ou talvez não gostasse de servir aos seus irmãos e, assim, levou para casa um relato fabricado ou exagerado a respeito dos erros de seus irmãos. Fez sua parte para perpetuar as divisões da casa, entre os filhos de mães diferentes; conflito esse destacado ao chamá-los de “os filhos de Bila e Zilpa” (Gn 37.2; cf. 29.31–30.24).

Além do mais, há a questão de como José lidou com os seus sonhos. Primeiro ele se viu colhendo grãos com seus irmãos, quando de repente, onze feixes se curvaram diante do seu (Gn 37.7). Depois disso, teve outro sonho, em que o sol, a lua e onze estrelas se inclinaram a ele (37.9). José já sabia que os irmãos o odiavam devido ao favorecimento de sua posição. No entanto, ao relatar os sonhos em que ele não somente era o filho favorito de Jacó como também o favorito escolhido por Deus, parece que estava esfregando a sua exaltação na cara dos irmãos. Uma coisa foi José ter contado a eles o primeiro sonho. Mas, em face da amarga resposta que eles tiveram a esse primeiro, outra coisa foi José virar e relatar-lhes o segundo sonho, o que sugere insensibilidade em uma escala gigantesca.

Tenho certeza de que você conhece gente assim em sua própria experiência — gente que corre o risco de ser totalmente estragada por obtenção de sucesso quando muito novos. Pode ser um primeiranista que se torna estrela do time de futebol, ou consegue o papel principal na peça de teatro, o jovem profissional que rapidamente demonstra espetacular sucesso financeiro na bolsa de valores, ou, até mesmo, um jovem pregador cuja primeira igreja de repente cresce e floresce. O resultado desse sucesso rápido é que eles se tornam cheios de si. Ainda que tenham grande talento, esse talento está a perigo de ser desperdiçado ou corrompido a não ser que algo profundamente transformador aconteça a fim de resgatar seu rumo. José desesperadamente precisava de ajuda.

JACÓ

Há também a disfunção de Jacó como pai da família. A túnica especial não foi a primeira indicação de sua preferência por José. Quando Jacó voltava à Terra Prometida após sua estada em Padã-Arã, e teria de enfrentar a seu irmão, ouviu dizer que Esaú estava vindo ao seu encontro com quatrocentos homens. Ficou aterrorizado com a possibilidade de um massacre. Por esta razão, o jovem José e sua mãe Raquel estavam protegidos na parte traseira da caravana, enquanto os irmãos mais velhos com as suas mães foram expostos, à frente (Gn 33.2). Como você acha que os irmãos se sentiram agora que seu pai os considerava dispensáveis?

Isso nos leva ao manto ricamente ornamentado de José (Gn 37.3). Não era necessariamente uma túnica de muitas cores, como reza a tradição seguindo a tradução grega, mas é certo que, no único lugar onde ocorre na Bíblia, esta frase se refere a uma veste real: uma túnica talar de mangas

compridas (2Sm 13.18). O que quer que fosse precisamente essa túnica, com certeza não seria o tipo de roupa que se usa quando alguém planeja trabalhar. É surpreendente ler sobre essa capa *depois* que José levou a seu pai as más notícias sobre seus irmãos.

Existe aqui uma sequência definida: José vai servir e trabalhar para seus irmãos, enquanto eles pastoreavam; leva para casa más notícias sobre eles; e o pai o recompensa com uma esplêndida túnica. A próxima vez que os irmãos saem para pastorear, adiante, neste mesmo capítulo, José não está mais trabalhando com eles. Presumivelmente está de folga em casa, vestindo seu casaco chique, com os pés para cima no sofá, enquanto seus irmãos estão dando duro nos campos. Não é de admirar que os irmãos o odiassem!

Naturalmente, o pai Jacó estava apenas repetindo o modelo tóxico da família que seguiu de sua própria juventude. É uma verdade trágica que, muitas vezes, perpetuamos a disfunção familiar que, quando crianças, observamos à nossa volta. Na família da infância, seu próprio pai, Isaque, preferira Esaú, enquanto ele fora o favorito da mamãe. Então, chegada a sua vez, fez o mesmo aos seus próprios filhos. Que tragédia é passar tal disfunção para a próxima geração! Provavelmente havia também uma dimensão espiritual no tipo de preferência que Jacó demonstrava por José. No versículo 3, o narrador conta que Jacó amava José porque ele era “o filho da sua velhice.” Poderíamos esperar que Jacó o preferisse por ser José o filho da esposa favorita, Raquel, o que com certeza também era verdadeiro. Mas o fato de chamar José de “filho da sua velhice” liga-o à mesma condição de Isaque, o filho que Sara deu a Abraão na *sua* velhice: a mesma palavra é usada para Isaque em Gênesis 21.2. Isso sugere que Jacó amava José mais do que aos irmãos, porque acreditava que ele seria o filho que Deus prometera, aquele que portaria a linhagem prometida do Messias, a semente prometida da mulher em Gênesis 3.15.

Essa expectativa provavelmente foi aprofundada e difundida pelos sonhos de José, de que seus irmãos e seus pais viriam a se curvar diante dele. Certamente aqui estava uma confirmação da parte de Deus de que José era o escolhido. A imagem de um pai e de uma mãe a se inclinar diante do próprio filho é coisa ultrajante em uma sociedade patriarcal. Por isso Jacó repreendeu a José ao mesmo tempo em que “guardava em mente esses dizeres” (Gn 37.11). Foi a mesma resposta que Maria teve à aventura de Jesus menino com os mestres no templo de Jerusalém (Lc 2.51). Pai e mãe indagaram e ponderaram o que essas coisas poderiam significar sobre seu filho especial.